

Apresentação

Elisa P. Reis*

Graziella Moraes Silva**

Flavio Carvalhaes***

O presente Dossiê Temático para a Revista Brasileira de Sociologia tem como objetivo explorar dimensões a partir das quais a sociologia tem buscado entender os processos que estruturam a desigualdade social. A questão distributiva, crucial na organização de qualquer sociedade, constitui desafio premente no caso brasileiro. Embora o país tenha logrado sucesso na redução da desigualdade na última década, é preciso avançar na consolidação dos ganhos sociais. Nesse sentido, é crucial inovar no entendimento dos processos estruturantes das disparidades sociais, potencialmente úteis para a formulação, implementação e avaliação de políticas sociais, sobretudo ante a certeza de que dada a dinâmica demográfica a mera continuidade de práticas vigentes sequer garante o status-quo. Mais ainda, a análise sociológica não pode ignorar que a lógica cultural introduz novas metas, aspirações e desafios. Assim, observamos, por exemplo, que a valorização cultural da diferença – característica que no

* PhD em Ciência Política, MIT/EUA e Professora Titular do Departamento de Sociologia UFRJ.

** PhD em Sociologia, Harvard/EUA e Professora adjunta do Departamento de Sociologia UFRJ.

*** Doutor em Sociologia, IESP-UERJ/Brasil e Professor adjunto do Departamento de Sociologia UFRJ.

mundo contemporâneo veio se somar ao ideário igualitário moderno – introduz novas questões de pesquisa. À sociologia cabe confrontar esses novos desdobramentos, levando em conta que o problema da desigualdade e a questão das diferenças identitárias se interpenetram de formas complexas e variáveis.

Nossa motivação inicial era enfatizar trabalhos que dialogassem com as linhas de pesquisa desenvolvidas no Núcleo Interdisciplinar sobre Estudos da Desigualdade (NIED) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, do qual os três organizadores participam. Nosso convite aos autores enfatizava pesquisas que explorassem teoricamente o conceito de desigualdade e suas consequências políticas, sociais e culturais (REIS, 2013); pesquisas que abordassem as dimensões simbólicas da criação, manutenção, contestação ou dissolução das desigualdades sociais (MORAES SILVA, 2016) e pesquisas mais canônicas sobre estratificação social (CARVALHAES et. al., 2014).

Recebemos 36 trabalhos, pré-selecionamos 15, que foram enviados para pareceristas anônimos. Neste dossiê, o leitor encontrará os 7 trabalhos que foram aceitos pelos pareceristas para a publicação.¹ Entre os textos que nos parecem mais afinados com as linhas propostas na chamada para o dossiê estão dois trabalhos que versam sobre desigualdades educacionais. Um deles diz respeito à educação básica e o outro à educação superior. Além de corresponder fielmente a um dos três eixos de nossa proposta, o tema da educação é central tanto nas discussões teóricas como na proposição de medidas de combate

1 A partir de experiências anteriores em outros periódicos acadêmicos, inicialmente acreditávamos que como editores responsáveis pelo dossiê, selecionaríamos os artigos que considerássemos mais adequados ao tema e mais compatíveis com os padrões de qualidade da RBS depois dos pareceres anônimos. Mas, posteriormente, fomos alertados pelos Editores da Revista que o edital previa que, nosso papel seletivo se esgotara na primeira fase do processo. Em outras palavras, como editores convidados do chamado dossiê fizemos apenas a pré-seleção. Nesse sentido, acolhemos os sete artigos recomendados pelos especialistas que atuaram como avaliadores anônimos. Nosso agradecimento aos pareceristas que colaboraram conosco ao longo do processo seletivo. Nossas desculpas aos editores e aos leitores pela nossa interpretação inicial da chamada e, embora saibamos que o leitor fará sua própria avaliação, estamos certos que ele terá em mãos um número com artigos estimulantes e promissores.

às desigualdades. Ambos se inserem na perspectiva clássica dos estudos sobre estruturação da desigualdade educacional, que se dedica a entender como a desigualdade de condições afeta a estruturação de resultados educacionais.

Como o leitor verá nas páginas mais à frente, o artigo de Maria Teresa Gonzaga Alves, José Francisco Soares e Flavia Pereira Xavier mobiliza dados da Prova Brasil entre 2005 e 2013 para analisar a estruturação da desigualdade de aprendizado por sexo, raça e nível socioeconômico entre escolas e municípios brasileiros. Em suas conclusões, os autores apontam significativa variação entre os municípios para todas dimensões da desigualdade analisadas no trabalho. Os resultados apresentados apontam para a relevância de incorporar a variação regional na estruturação da desigualdade no Brasil, dimensão surpreendentemente pouco mobilizada nas análises sociológicas sobre o tema.

Por sua vez, Neylson João Batista Filho Crepalde e Leonardo Souza Silveira abordam tema semelhante, mas analisam outro nível do sistema educacional: o ensino superior. Através da mobilização de dados do Enade 2014 o artigo pergunta como a desigualdade de condições que é prévia à entrada ao ensino superior é mitigada ou exacerbada na desigualdade de aprendizado entre cursos no Brasil. Os resultados da análise sugerem, indiretamente, que os cursos atraem estudantes de perfis socioeconômicos diferentes. Adicionalmente, também indicam que a direção geral do efeito dos cursos atua no sentido de diminuir os efeitos da desigualdade, ainda que em certas carreiras, como arquitetura, exista significativa variação entre “escolas”.

Questionando perspectivas tradicionais sobre estratificação e desigualdade a partir da proposta de Piketty (2014), o artigo de Róbert Iturriet Avila e João Batista Santos Conceição aborda a desigualdade de riqueza a partir dos dados da Receita Federal e faz uma breve comparação da estrutura tributária brasileira com a de outros países, e seu impacto redistributivo ou concentrador.

Uma segunda linha que privilegiamos diz respeito ao foco nas dimensões simbólico culturais na análise das desigualdades. Aqui, o

artigo de Maura Pardini Bicudo Vêras sobre os diferentes, sobre o “outro” como ameaça, aborda e o problema da estereotipação dos pobres no espaço geográfico da grande São Paulo e suas consequências para a reprodução e acirramento das desigualdades. Como bem observa a autora, a geografia simbólica da periferia se sobrepõe ao espaço físico para relegar a uma posição de inferioridade os socialmente excluídos.

Também privilegiando a dimensão cultural, mas de ângulo distinto, o artigo “A outra face da desigualdade”, de Patricia Kunrath Silva, comenta as percepções de elites sobre filantropia oferecendo uma interpretação sobre diferentes visões quanto à iniciativas do setor privado para fazer frente à pobreza. Tão controverso quanto estimulante, o texto sobre o papel dos empresários e do terceiro setor no combate à desigualdade convida ao debate acadêmico, prática que anda meio adormecida em nossa comunidade de cientistas sociais.

O artigo de Ricardo Bernardes Pereira ao discutir trajetórias de vida de jovens de classe baixa aborda de forma original a questão das relações entre condições estruturais, ambiente institucional e escolhas individuais. Examinando trajetórias de jovens entre 18 e 24 anos, ele nos mostra como a análise de trajetórias permite a apreensão da confluência dessas três dimensões de análise. Nesse sentido, o autor lança luz sobre desigualdades inter individuais, aspecto menos contemplado na literatura.

Também salientamos a relevância de incluir nesse dossiê trabalhos que versassem especificamente sobre as articulações entre desigualdades e diferenças. Tendo em vista a importância que as questões do reconhecimento e da interseccionalidade adquiriram para a compreensão das desigualdades, pareceu-nos crucial contemplar as questões de gênero, cor e etnia que individualmente ou interativamente respondem pelas desigualdades categóricas ou desigualdades duráveis para usar a expressão consagrada por Tilly (1998). Lamentavelmente, não tivemos como incluir textos que lidassem diretamente com tais questões. Optamos assim por incluir uma discussão de cunho mais demográfico sobre questões que dizem respeito à gênero, mercado de

trabalho, e fecundidade. Discorrendo sobre opções quanto ao mercado de trabalho e maternidade entre mulheres com educação superior, Claudio Santiago Dias Jr. e Ana Paula Verona nos propõem um olhar que se não revela propriamente o impacto das diferenças categóricas sobre as escolhas profissionais, nos convida a perseguir de forma mais direta as muitas inferências de gênero no horizonte de alternativas e oportunidades de vida traçando algumas das muitas tramas com que se constroem desigualdades duráveis.

Em resumo, esperamos oferecer aos leitores da RBS um amplo leque de alternativas analíticas que possam contribuir para renovar a reflexão sociológica sobre o tema canônico da desigualdade. Boa leitura!

Referências Bibliográficas

CARVALHAES, F., BARBOSA, R., SOUZA, P. H., Ribeiro, C. C. (2014), “O impacto da geração de empregos sobre as desigualdades de renda: uma análise da década de 2000”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 85 , p. 9-98.

MORAES SILVA, G. (2016), **After racial democracy**: Contemporary puzzles in race relations in Brazil, Latin America and beyond from a boundaries perspective. *Current Sociology* v. 64 n. 5, pp. 794-812.

PIKETTY, T. (2014), **Capital in the twenty-first century**. Cambridge: The Belknap Press.

REIS, E. (2013), “Democracy and the Challenge of Reconciling Equality and Difference. In: ARJOMAND, S.; Reis, E. (Eds.). **Worlds of Difference**. London: Sage, pp. 201-222.

TILLY, C. (1998), **Durable Inequality**. Berkeley: University of California Press.

DOSSIÊ “AS DIMENSÕES SOCIOLÓGICAS DA DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL”

